

**O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM “ONDE”
UTILIZADO PELOS ALUNOS DO 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL
DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO EUCLIDES DANTAS
E SUA INFLUÊNCIA NOS SEUS TEXTOS ESCRITOS FORMAIS**

Marcelle Teixeira Silva (UESB/UFRN)

marcelle.teixeira@hotmail.com

Valéria Viana Sousa (UESB)

valeriavianasousa@gmail.com

Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)

adavgvstvm@gmail.com

RESUMO

Embasados nos estudos que envolvem variação e mudança linguística e tomando como referencial conceitos funcionalistas como o de gramaticalização, no presente trabalho, trazemos um recorte de um estudo preliminar realizado acerca do processo de gramaticalização do item “onde” utilizado pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental do Instituto de Educação Euclides Dantas em Vitória da Conquista – BA e sua influência em sua escrita formal. Para tanto, propomo-nos a investigar a frequência do uso do termo, as funções comunicativas que este exerce nos textos dos estudantes, bem como quais os possíveis fatores condicionantes dos diferentes usos. Diante da análise de dados parciais da pesquisa, notamos que, apesar de predominar o uso prototípico do “onde”, a saber o de valor locativo, espacial, em alguns casos, o item passa por um deslizamento, assumindo as funções de atribuir valor temporal ou de processo/textual, indicando uma possível ampliação de uso. Com a pesquisa, objetivamos entender se tal processo se dá como fruto da gramaticalização do item, fazendo-o tornar-se mais gramatical, para, então, compreender as motivações de usos tão diferentes dos previstos na tradição gramatical. Entendemos que, por esse caminho, será viável a construção de estratégias pedagógicas de trabalho eficiente com a Para a realização desse estudo, ancorar-nos-emos teoricamente em Castilho (2012), Lopes (2013) e Neves (2003).

Palavras-chave: Funcionalismo. Gramaticalização. Onde. Estratégias pedagógicas.

1. Introdução

Este artigo será composto de três seções: na primeira, na qual trazemos um referencial teórico, faremos uma breve exposição acerca do conceito de gramaticalização e como se tem tratado o tema da gramaticalização do item “onde”; a segunda refere-se à metodologia, parte na qual explicamos como foi construído o *corpus* e de que maneira operacionalizamos a análise de dados; e a terceira é a análise de dados propriamente

ditada, parte em que listamos as funções comunicativas exercidas pelo item nas ocorrências encontradas, bem como explanamos as conclusões a que nos foi possível chegar.

Diferente do formalismo de Chomsky, que tem como foco o estudo do funcionamento da faculdade da linguagem enquanto característica mental da espécie humana, o funcionalismo tem uma concepção de língua considerada na interação de modo que esta reflete uma adaptação às diferentes situações comunicativas. Deste modo, para esta corrente teórica, as funções externas à linguagem influenciam a estrutura gramatical da língua de maneira que a análise do funcionamento deste sistema só é possível levando-se em conta a comunicação. Neste sentido, é a concepção, segundo a qual:

O funcionalismo é uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. (CUNHA, 2008, p. 157)

Assim, a língua, sob o ponto de vista funcionalista, não pode ser tida como um sistema autônomo, pois, segundo Neves (1997), este só pode ser entendido se partirmos de noções como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, entre outras. Vejamos a corroboração de Castilho (2012) a essa questão:

O funcionalismo não é uma abordagem monolítica; ao contrário, ele reúne um conjunto de subteorias que coincidem na postulação de que a língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua. (CASTILHO, 2012, p. 21)

Diante de uma concepção funcionalista da língua, como atividade social que não existe por si mesma, mas em virtude do uso pelos indivíduos na interação, na qual se considera a competência comunicativa, emerge como importante conceito o de função. Tal conceito só tem sentido se correlacionado ao papel que a língua desempenha para o ser humano na comunicação. Halliday concebe função como o papel que uma entidade linguística desempenha no processo comunicativo.

Neste contexto, a saber o de estudos que envolvem variação e mudança linguística do sistema de uma língua em uso, levando-se em conta a interação sociocomunicativa, surgem inúmeras pesquisas, entre elas as que investigam o a gramaticalização, fenômeno linguístico que leva um item lexical ou construção sintática a assumir funções referentes

à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas, mostrando que a gramática de uma língua, assim como a concebem os funcionalistas, não é rígida e estática, mas sim passível de criação e recriação a partir de motivações comunicativas e cognitivas.

Para Lopes (2013), a gramaticalização ocorre quando um item lexical passa a assumir, em determinadas circunstâncias, um novo *status* como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam mais gramaticais ainda, podendo ser recategorizado, receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre ou até desaparecer como consequência de uma cristalização extrema.

Segundo Claudi e Hunnemeyer (1991), no processo de gramaticalização, as formas assumem significados cada vez mais abstratos a partir da noção de espaço, passando (ou não) pela noção de tempo e atingindo a categoria (mais abstrata ainda) de texto, seguindo o esquema seguinte: ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO.

Sendo assim, para os funcionalistas, a estrutura é não-arbitrária, mas, ao contrário disso, é motivada e icônica, de modo que resta claro haver uma relação entre expressão e conteúdo, pois é notória, no campo em análise, as relações de motivação entre forma e função, opondo-se à noção de arbitrariedade do signo linguístico. Assim, é nos condicionamentos cognitivos e discursivos que caracterizam cada situação de interação que se busca explicar e justificar, também, a forma da expressão linguística utilizada.

Investigações como estas nos auxiliam na compreensão de estratégias inovadoras de construção de uma estrutura e no uso de termos que podem assumir funções diversas das pré-estabelecidas pela gramática tradicional. Desta forma, apesar de serem muitos os estudos funcionalistas acerca do processo de gramaticalização de itens léxicos e estruturas sintáticas utilizadas por falantes diversos do português do Brasil, ainda há muito a ser investigado no que diz respeito à utilização de itens específicos, como por exemplo o “onde”, entre outros pronomes relativos, utilizados por falantes de grupos específicos.

Portanto, estudos neste sentido, contribuem muito com a formação de falantes/escritores competentes, na medida em fundamentam a criação de materiais didáticos bem como de métodos, fazendo com que o ensino de língua portuguesa nas escolas da rede pública de ensino do nosso país se torne mais eficaz no sentido de auxiliar o educando a com-

preender melhor sua língua e entender que existem muitas outras possibilidades de leitura e escrita competentes do que as apresentadas pelos tradicionais manuais de gramática. Isto por que somente investigando tais estratégias é que poderemos entender quais os fatores que provocaram a referida mudança e poderemos avaliar até que ponto tais estratégias devem ou não ser aceitas na modalidade escrita da língua.

Diante de tais considerações, é que surge esta pesquisa, como fruto da inquietação diante da recorrência da utilização do termo “onde” em contextos linguísticos nunca tratados pela gramática normativa. A proposta, diante dessa realidade, é a de analisar as estratégias linguísticas usadas pelos alunos que cursam o último ano do ensino fundamental no Instituto de Educação Euclides Dantas em Vitória da Conquista para a construção desse tipo de estrutura.

Pretendemos responder à seguinte questão: O uso recorrente do termo “onde” nos textos dos alunos concluintes da etapa do ensino fundamental é produto do processo de gramaticalização dos termos?

A hipótese inicial que levantamos é de que o uso recorrente dos termos, sobretudo em contextos diferentes dos apontados tradicionalmente, é sim fruto do processo de gramaticalização, visto que é notório o fato de que tais termos passaram a desempenhar funções distintas das já catalogadas pela gramática tradicional. Contudo, somente com uma observação cuidadosa e detalhada, mediante uma pesquisa pautada na coleta e análise de dados é que poderemos responder com segurança a referida pergunta, bem como entender como este processo está ocorrendo. Assim, poderemos traçar também estratégias de trabalho acerca do tema em sala de aula.

Com a ampliação das variedades da língua, resultado da complexidade das relações sociais e dos meios de comunicação de massa, a escola passa a enfrentar uma nova demanda, tendo que investir em propostas de ensino inovadoras, capazes de suscitar a democratização linguística.

Partindo de uma proposta funcionalista, analisaremos o processo de gramaticalização dos itens: a) no aspecto diacrônico, por se tratar de uma espécie de mudança linguística, analisando situações reais de escrita, investigando a origem de tais palavras e comparando com os usos listados pela gramática tradicional; b) na perspectiva sincrônica descrevendo o atual processo de gramaticalização dos itens e os aspectos relacionados ao referido processo. A análise não está concluída, de modo que,

inicialmente, concentramo-nos na análise sincrônica dos dados.

Os objetivos desse trabalho são os seguintes: a) analisar as estratégias linguísticas inovadoras utilizadas pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental para os usos do item “onde”, bem como compreender suas motivações contextuais, realizando uma descrição do fenômeno de modo a contribuir para sua compreensão por meio de um método de ensino; b) entender em quais contextos surgem novas estratégias de construção destas estruturas; c) classificar os fatores linguísticos e sociais que favoreceram a variação; e) investigar se tais inovações, envolvendo o uso de uma mesma forma do item “onde”, são fruto do processo de gramaticalização; f) listar quais outras funções, diferentes das tradicionalmente prescritas, são desempenhadas pela forma supracitada; g) criar uma proposta metodológica de trabalho com este conteúdo em sala de aula de modo que os discentes desenvolvam a habilidade de reconhecer as estratégias linguísticas por eles utilizadas, bem como julgar se estas são aceitáveis na norma culta em uso. Vale lembrar, que, por se tratar de um trabalho em curso, alguns dos objetivos ainda não foram atingidos.

Com apresentar essa pesquisa, inicialmente, esboçaremos a teoria que amparará teoricamente o estudo.

2. Referencial teórico

2.1. Gramaticalização no contexto de variação linguística

Conforme já exposto, o processo de gramaticalização consiste num paradigma que serve para explicar um tipo específico de variação e mudança linguística, a saber o de ampliação de construções gramaticais com um mesmo item. Desta forma, um termo que tem uma função gramatical reconhecida pela tradição, passa, em determinados contextos, a exercer outras funções gramaticais, ou de uma função menos gramatical para uma mais gramatical.

A análise do fenômeno supramencionado se dá a partir da teoria funcionalista, pois esta corrente teórica estuda a língua do ponto de vista da descrição de seu uso real. Segundo Cunha e Silva (2010), na teoria funcionalista, a variação é interpretada como um estágio da trajetória de regularização gramatical das formas, centrando suas discussões na diversidade linguística observada nas diferentes situações da vida social.

2.2. A gramaticalização do item “onde”

Atualmente, na maior parte das vezes, o item “onde” é tratado pelos gramáticos como um termo que seria classificado como pronome relativo, que tem como antecedente um lugar físico. Contudo, verificamos que não há consenso nem quanto à sua classificação nem quanto a que tipo de antecedente este termo pode ter.

Trabalhos de pesquisa têm mostrado que o termo passa a ter, em muitos casos, valor temporal e até mesmo de marcador discursivo. Para Cunha e Silva (2010), esta é a chamada gramaticalização *lato sensu*. A gramaticalização *stricto sensu* consiste naquela que se ocupa da mudança que atingem as formas que migram do léxico para a gramática, como, por exemplo, a que ocorre com o verbo *ir*, que acumula as funções de verbo pleno e auxiliar.

Diante da observação dos usos que se faz da língua, podemos chegar à conclusão de que, independente de que classificação ou nomenclatura se atribua ao item “onde”, é inevitável o reconhecimento de sua multifuncionalidade. Todavia, atitude tal só é possível quando adotada uma postura descritiva e/ou reflexiva diante dos fenômenos, pois, conforme defendem Zilles e Kersch (2015) prescrição e proscricção não dão conta de nos trazer qualquer auxílio na compreensão dos usos e valores do item “onde”, uma vez que estas trazem restrições insustentáveis, uma vez que contrariam amplamente o uso que os falantes fazem da língua. Segundo os mesmos autores, muitos trazem, na atitude prescritiva/proscritiva diante dos usos do “onde”, a estigmatização dos falantes que não atendam este duplo critério, caracterizando-os como “ineficientes” do ponto de vista da competência linguística, o que constitui no mínimo uma falácia.

A postura acima explicitada é a que Faraco (2008) denomina de “norma curta”, que ele conceitua como:

[...] a norma curta é o reino da inflexibilidade, das afirmações categóricas, do certo e do errado tomados em sentido absoluto. A norma curta é o mundo das convenções raivosas, das rabugices gramaticais. Não é raro que defensores da norma curta cheguem a ser grosseiros e vulgares em seu discurso. (FARACO, 2008, p. 95-96)

O autor defende uma postura baseada na tolerância e coerência, de modo que o professor de língua portuguesa não fique restrito a repetir regras que, por muitas vezes, já não fazem o menor sentido para o uso real da língua. Propõe uma “pedagogia da variação linguística” que reconhe-

ça o país como multilíngue, sem estereotipar os fenômenos de variação, percebendo que ensinar português não significa cultivar a norma-padrão, mas proporcionar o amplo conhecimento dos variados usos que os falantes fazem da língua e em quais contextos um ou outro uso é mais adequado e aceito socialmente.

Com o presente trabalho, pretendemos contribuir para a criação de uma metodologia como a proposta pelo autor supra mencionado, pois intencionamos descrever e compreender os variados usos do item por participantes do 9º ano do ensino fundamental, de modo a criar uma proposta metodológica para o tratamento deste conteúdo em sala de aula baseada numa descrição que esclareça para o educando as variadas possibilidades de uso do item, de modo que ele tenha condições de escolher de forma madura qual uso quer, deve ou até precisa fazer.

3. Metodologia

3.1. Material e método

Diante dos objetivos supracitados, foram realizadas análises que, de maneira geral, buscaram investigar a ocorrência/recorrência do uso do item “onde”, bem como em que contextos este aparece, estudando se passam pelo processo de gramaticalização e como tem se dado este fenômeno.

3.2. Corpus

Para realizarmos essa pesquisa, até o presente momento, foi composto um *corpus* com dados coletados a partir de textos dissertativos e narrativos escritos pelos alunos matriculados no 9º ano do ensino fundamental do Instituto de Educação Euclides Dantas, escola da rede pública estadual de ensino do município de Vitória da Conquista (BA).

Os textos foram coletados em dias diversos, envolvendo situações comuns de sala de aula. Todos os alunos produziram os textos, uma vez que estes foram fruto de uma proposta de atividade da disciplina língua portuguesa. Contudo, posteriormente, alguns foram selecionados como material para a pesquisa.

As salas do 9º ano são compostas por, em média, 30 a 37 alunos, com faixa etária entre 14 e 18 anos de idade. Para a execução desta pes-

quisa, utilizamos, necessariamente, 20 participantes, incluindo homens e mulheres. Os textos recolhidos foram de duas tipologias: narrativa e dissertativa. Deste modo, recolhemos um total de 40 textos, escritos por 20 alunos, sendo que cada um deles escreveu dois textos (um narrativo e um dissertativo).

3.3. Método de análise

Para a análise de dados, adotamos um critério predominantemente qualitativo, seguindo um paradigma fenomenológico, na busca da compreensão do fenômeno linguístico selecionado para o estudo.

Optou-se pelo método da pesquisa-ação, por ser este o que melhor se ajusta ao presente trabalho: primeiro por que o pesquisador participa ativamente do processo de coleta dos dados, sendo um importante ator na escolarização dos discentes observados, uma vez que se trata de um docente que já trabalha com as turmas em situações reais de aprendizagem, sendo ele que irá propor as atividades de produção textual diretamente aos estudantes, bem como os orientará durante a escrita dos textos a serem coletados; segundo por que a proposta do trabalho consiste justamente em investigar um fenômeno linguístico para depois intervir diretamente nesta realidade e, através da formulação/aplicação de uma proposta didática viável, auxiliar os alunos na escrita de textos formais que sejam bem aceitos socialmente. Neste sentido:

Uma metodologia de pesquisa que utiliza o pensamento sistêmico para modelar um fenômeno complexo ativo em um ambiente igualmente em evolução no intuito de permitir a um ator coletivo intervir nele [fenômeno complexo ativo] para induzir a mudança. (MORIN,2004, p. 91)

Ainda conforme o mesmo autor, tal método envolve fundamentalmente uma ação educativa. Deste modo, como a principal intenção deste trabalho é justamente uma ação educativa eficaz, não há melhor escolha a se fazer.

Olhando de uma perspectiva positivista, poder-se-ia pensar que o método da pesquisa-ação, no qual o próprio pesquisador é também ator neste processo, comprometeria a investigação e análise dos dados, contudo do ponto de vista fenomenológico tal preocupação não encontra sustentação, pois, na problemática em questão, trata-se de um trabalho no qual, além de se investigar um processo que ocorre na língua em uso, observada em situações de interação real, o pesquisador pretende criar uma

proposta didática que tenha impacto direto nas práticas sociais do público investigado, diante das quais a língua escrita se constitui como ferramenta indispensável para a comunicação e desempenho de papéis sociais.

3.4. Etapas

Para a realização do presente trabalho, partimos da análise de produções textuais escritas dos participantes do 9º ano do Ensino Fundamental, identificando os usos do item “onde” nos textos escritos formais destes. Deste modo, seguimos as seguintes etapas:

Etapa 1: Aplicação da atividade de produção textual (textos narrativos e dissertativos) para participantes do 9º ano do ensino fundamental do Instituto de Educação Euclides Dantas;

Etapa 2: Descrição e análise do fenômeno linguístico a partir das produções textuais; após a realização da atividade pelos participantes, foram identificados nos textos produzidos por eles os casos em que ocorre o uso do item “onde” e quais suas funções gramaticais, bem como em quais contextos ocorreram;

Etapa 3: Elaboração textual da descrição e análise do fenômeno linguístico a partir das produções textuais, tendo como embasamento a teoria funcionalista

Etapa 4: Elaboração da atividade de intervenção pedagógica de produção textual empregando o item “onde” de forma adequada à situação comunicativa e tendo consciência e maturidade na escolha linguística. Esta etapa ainda não foi realizada.

4. Análise de dados

Diante das ocorrências observadas em textos dos alunos do 9º ano do ensino fundamental do IEED, separamos usos com as seguintes funções comunicativas:

- 1) Onde – valor locativo (espacial) – prototípico
- 2) Onde – valor espacial mais abstrato
- 3) Onde – valor temporal
- 4) Onde – valor de processo/textual

A análise foi feita com a separação de textos narrativos e dissertativos, pois percebemos que a variável tipologia textual foi determinante nos usos do item com determinadas funções, sobretudo no que diz respeito ao nível de abstratização. Deste modo, apresentamos, inicialmente, as ocorrências dos textos narrativos e depois dos descritivos, para, depois, chegarmos às conclusões.

Nos textos narrativos, observamos:

- 1) 10 ocorrências de “onde” com valor prototípico espacial.
Ex.: Continuei caminhando até minha residência **onde** pude descansar. (referente: residência – espaço);
- 2) 2) 00 ocorrências de “onde” com valor espacial mais abstratizado;
- 3) 3) 02 ocorrências de “onde” com valor temporal.
Ex.: Só que ele nem ligou, mas acabou pegando no sono **onde** não viu nada. (onde = quando);
- 4) 4) 00 ocorrências de “onde” com valor de processo/textual.

Nos textos dissertativos:

- 1) 03 ocorrências de “onde” com valor prototípico espacial.
Ex.: A nossa casa **é onde** aprendemos os valores de honestidade. (referente: casa – espaço);
- 2) 2) 02 ocorrências de “onde” com valor espacial mais abstratizado; Ex.: ...um grande noticiário na TV, **onde** falava que um homem tinha matado um adolescente. (onde – instrumento TV-nãoção espacial abstratizada);
- 3) 3) 00 ocorrências de “onde” com valor temporal;
- 4) 4) 04 ocorrências de “onde” com valor de processo/textual.
Ex.: A honestidade é um valor muito importante, onde devemos valorizar atitudes deste tipo.

Diante das ocorrências acima relatadas foi possível concluir que:

- A) O valor prototípico espacial, como era de se esperar, é o pre-

dominante no total de ocorrências. (Total – 21/ valor prototípico espacial – 13);

B) A tipologia textual apresenta-se como variável condicionante do uso com determinadas funções comunicativas do “onde”. Nos textos narrativos, temos 10 ocorrências com valor prototípico espacial e nos dissertativos apenas 03. Nos textos dissertativos, temos 04 ocorrências com valor de processo/textual, enquanto nos narrativos 00. Nos textos dissertativos, houve uma abstratização do valor espacial do item (02 ocorrências).

Com as reflexões que pudemos realizar até então, pretendemos criar uma proposta metodológica de trabalho com este conteúdo em sala de aula de modo que os discentes desenvolvam a habilidade de reconheceras estratégias linguísticas por eles utilizadas, bem como julgar se estas são aceitáveis na norma culta escrita em uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, A. T. de. (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito. Gramaticalização aplicada ao ensino de português. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (Org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010, p. 157-172.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, Célia. *Gramaticalização: definição, princípios e análises de casos*. UFRJ. Disponível em:

<http://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Gramaticalizacao_ufrj.pdf>.

Acesso em: 06-02-2013.

MORIN, A. *Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. A questão das funções da linguagem. In: _____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ZILLES, A. M. S.; KERSCH, D. F. Onde: prescrição, proscricção, descrição e ensino. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. (Orgs.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. 1 ed. São Paulo, 2015, p. 145-191.